

V. 03, N.18 Nov./Dez. 2022

## **ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE SURDOS: APROPRIAÇÃO DO SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA**

### **LITERACY AND LITERACY OF THE DEAF: APPROPRIATION OF THE ALPHABETICAL WRITING SYSTEM**

### **ALFABETIZACIÓN Y ALFABETIZACIÓN DE LOS SORDOS: APROPIACIÓN DEL SISTEMA DE ESCRITURA ALFABÉTICA**

1

**Eulina Maria Leite Nogueira**

Universidade Federal do Amazonas  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7725-6464>

**Eliane Acácia da Silva**

Universidade Federal do Amazonas  
ORCID – <https://orcid.org/0000-0001-8139-0618>

**Enilcelmo Pereira Pessoa**

Universidade Federal do Amazonas  
ORCID – <https://orcid.org/0000-0002-4442-8397>

**Ademar Alves dos Santos**

Universidade Nove de Julho  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1552-235X>

**Miquéias Ambrósio dos Santos**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1961-7647>

**Marttem Costa de Santana**

Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8701-9403>

**Alcione Santos de Souza**

Universidade do Estado do Pará  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4562-5111>

**Silvano Andresso Guedes da Silva**

Instituto de Educação Superior de Brasília  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7773-1440>

**Resumo:** Os alunos surdos, tem concluído o ensino regular sem estarem de fato alfabetizados nem letrados, ou seja, quem participa da vida de uma pessoa com restrição auditiva percebe que muitos tornam-se adultos que não compartilham da cultura letrada ouvinte, da qual também estão inseridos. Na busca pelo exercício pleno da cidadania muitos indivíduos com surdez, tem estado em desvantagem quando o principal requisito é compreender e ser compreendido dentro do seu próprio país. Sendo assim, o objetivo principal deste trabalho é compreender como acontece o processo de alfabetização e letramento de crianças surdas numa segunda língua oral – auditiva. O presente artigo foi realizado a partir de pesquisas bibliográficas de abordagem qualitativa buscando nos referenciais, compreensões de como acontece o processo de alfabetização e letramento das crianças surdas nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A Partir dos estudos e pesquisas foi possível perceber que os estudantes surdos apropriam-se do Sistema de Escrita Alfabética de forma diferenciada em relação aos estudantes ouvintes e para que esta ação aconteça, a Língua de Sinais associada ao bilinguismo devem ser presenças constantes no ambiente da sala de aula.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Letramento. Metodologia. Recursos. Surdez.

**Abstract:** Deaf students have completed regular education without actually being literate or literate, that is, those who participate in the life of a person with hearing impairment realize that many become adults who do not share the literate listener culture, which also are inserted. In the search for the full exercise of citizenship, many individuals with deafness have been at a disadvantage when the main requirement is to understand and be understood within their own country. Therefore, the main objective of this work is to understand how the process of literacy and literacy of deaf children in a second oral language - auditory. This article was carried out based on bibliographical research with a qualitative approach, seeking in the references, understandings of how the process of literacy and literacy of deaf children in the early years of Elementary School takes place. From the studies and research it was possible to perceive that deaf students appropriate the Alphabetic Writing System in a differentiated way in relation to hearing students and for this action to happen, Sign Language associated with bilingualism must be constant presences in the environment of the classroom.

**Keywords:** Literacy. literacy. Methodology. Resources. Deafness.

**Resumen:** Los estudiantes sordos han concluido la educación regular sin llegar a estar alfabetizados o alfabetizados, es decir, quienes participan de la vida de una persona con deficiencia auditiva se percatan de que muchos se convierten en adultos que no comparten la cultura del oyente alfabetizado, en la que también se insertan. En la búsqueda del pleno ejercicio de la ciudadanía, muchas personas con sordera se han visto en desventaja cuando el principal requisito es entender y hacerse entender dentro de su propio país. Por lo tanto, el objetivo principal de este trabajo es comprender cómo es el proceso de lectoescritura y lectoescritura de los niños sordos en una segunda lengua oral - auditiva. Este artículo fue realizado a partir de una investigación bibliográfica con abordaje cualitativo, buscando en las referencias, comprensiones de cómo transcurre el proceso de lectoescritura y lectoescritura de los niños sordos en los primeros años de la Enseñanza Fundamental. A partir de los estudios e investigaciones fue posible percibir que los estudiantes

sordos se apropriam del Sistema Alfabético de Escritura de manera diferenciada en relación a los estudiantes oyentes y para que esa acción suceda, la Lengua de Señas asociada al bilingüismo debe ser presencia constante en el ambiente del aula.

**Palabras clave:** Alfabetización. literatura. Metodología. Recursos. Sordera.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo busca entender como acontece o processo de alfabetização e letramento das crianças surdas nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O trabalho se desenvolve a partir de inquietações referentes às dificuldades relacionadas a leitura e a escrita da língua portuguesa vivenciadas pelos estudantes nos primórdios do ensino regular. Este fato provoca impactos negativos que se estendem da infância à vida adulta dos estudantes surdos.

Este artigo traz como objetivo geral Compreender como acontece o processo de alfabetização e letramento de crianças surdas numa segunda língua oral – auditiva e de forma específica entender como os surdos se apropriam do sistema de escrita alfabética (SEA), conhecer os processos de letramento realizados com crianças surdas, identificar as principais dificuldades enfrentadas por profissionais que alfabetizam surdos e analisar recursos e metodologias aplicadas na alfabetização e letramento dos surdos nas séries iniciais.

Conviver com surdos e conhecer a trajetória educacional destes no Brasil, nos faz concluir que essas pessoas finalizam o Ensino Fundamental I, sem estarem alfabetizados e/ou letradas. Estes estudantes ao se depararem com níveis de ensino e conteúdos mais elevados, apresentam dificuldades simples relacionadas ao ato de entender de forma convencional o sistema de escrita alfabética da língua portuguesa mesmo sendo esta a sua segunda língua.

Diante destes e de tantos outros empecilhos, os meninos, (as), surdos, (as), acabam abandonando às salas de aula ou chegam ao final do ensino médio sem estarem de fato letrados, ou seja, muitos não apresentam

compreensão social da língua portuguesa o que os tornam excluídos da aquisição plena da cidadania.

Para diminuir os impactos deste contexto, sugere-se investir na leitura da própria língua de sinais. Ler os sinais vai dar subsídios linguísticos e cognitivos para ler a palavra escrita em português. As oportunidades que as crianças têm de expressar suas ideias, pensamentos e hipóteses sobre suas experiências com o mundo são fundamentais para o processo de aquisição da leitura e escrita da língua portuguesa. (QUADROS, 2006, p.30 ).

4

Tais dificuldades interferem de forma significativa na vida destes estudantes que, ao final do ensino médio já estão em processo de buscar uma colocação no mercado de trabalho ou participar de processos seletivos para o ingresso no ensino superior.

Esta “exclusão”, imposta por um processo educacional incompleto, distancia cada vez mais estes alunos da apropriação da cidadania plena, elemento este que faz parte dos direitos básicos de todo cidadão, protegidos e ofertados tanto pela nossa lei majoritária, (Constituição de 1988), quanto pelas demais, criadas para resguardar os direitos das crianças e adolescentes, Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990) além daquela que sustenta a educação brasileira, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. (LDB,1996).

Diante de tais seguridades, torna-se essencial, entender o porquê de os surdos não alcançarem o pleno desenvolvimento estudantil de forma igualitária se compararmos com alunos ouvintes nos mesmos níveis educacionais ou faixa etárias, havendo discrepância em relação aos níveis de desenvolvimento e aos significados sociais que o letramento representa.

Muitas leis e encontros mundiais tem sido realizado com o intuito de garantir e assegurar os direitos e conquistas das pessoas especiais: “Cremos e proclamamos que todas as crianças, de ambos os sexos, têm direito fundamental à educação, e que a elas deve ser dada a oportunidade de

obter e manter um nível aceitável de conhecimentos"; (Conferência de Salamanca, 1994).

A Conferência Mundial sobre Necessidades Especiais, que ocorreu em Salamanca na Espanha em 1994, acaba de completar mais de duas décadas de compromissos assumidos em prol de uma educação igualitária e emancipadora, direcionada aqueles que por força do acaso, nasceram e vivem de maneira especial.

A educação oferecida a esta parcela de cidadãos tem nos mostrado que, por um motivo ou por outro, a possibilidade de acesso a instrução formal, chega de forma lenta aos estudantes surdos, tornando as salas de aula das escolas públicas um ambiente propício a segregação da aprendizagem.

A ideia da produção deste artigo referente ao tema aqui explicitado surgiu de inquietações pessoais no que tange à alfabetização e ao letramento de crianças surdas nos anos iniciais do ensino fundamental. É muito perceptível o número de estudantes que concluem o ensino fundamental sem estarem alfabetizados e/ou letrados. Estes estudantes ao se depararem com os níveis mais elevados de ensino apresentam ausência das noções básicas relacionadas ao ato de entender da forma convencional a língua portuguesa na sua forma escrita.

O trabalho está dividido em cinco tópicos. O primeiro trata da surdez e da aprendizagem, estendendo-se para a análise do processo de apropriação do sistema de escrita alfabética/letramento por parte dos alunos surdos, analisa-se as metodologias e sugestões de recursos indicados por, (QUADROS,2006), para auxiliar os educadores inseridos nas salas de aula com alunos surdos em fase inicial de aquisição da leitura e da escrita, os procedimentos para a elaboração do artigo, os resultados e considerações finais.

Vivemos num país cujos índices de fracasso na alfabetização vêm se reduzindo, mas continuam inaceitáveis. Para compreender essa história de fracasso, devemos lembrar que,

entre nós, o acesso a escola pública se tornou, legalmente, um direito somente nas primeiras décadas do século XX e que apesar disso até o início dos anos 1990, os contingentes de crianças e adolescentes entre 7 e 14 anos que estavam fora da escola eram superiores a 15 por cento. (MORAIS 2012, p.21)

Negar ao aluno surdo o contato com a Língua de Sinais nos primeiros anos de escolarização deixam lacunas negativas no campo da aprendizagem que lhes acompanham praticamente por toda a vida acadêmica e profissional sendo assim, surge a grande necessidade de entender como acontece o processo de alfabetização e letramento de crianças surdas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Conhecer os caminhos percorridos por alunos surdos na aquisição da leitura, da escrita, e do letramento no início da Educação Básica é de grande relevância para aqueles que convivem, acompanham ou participam do processo educacional dos surdos. Entender como eles percorrem os trilhos da aprendizagem possibilita o enriquecimento das práticas pedagógicas dos professores, oferecendo-lhes ferramentas teóricas para auxiliá-los de forma significativa na instrução formal desta parcela da população: O povo surdo.

A busca por melhores qualidades educacionais para quem é surdo pode ser a forma mais prática e eficiente de instrumentalizá-los para que estes cidadãos possam de fato usufruir dos direitos garantidos a todos constitucionalmente, além, de materializar as ações de inclusão tão sonhadas para o ambiente da sala de aula.

## **O PROCESSO EDUCACIONAL DOS SURDOS E AS PRINCIPAIS METODOLOGIAS DE ENSINO**

Todos os indivíduos que estão inseridos na cultura e nas comunidades não ouvintes, reconhecem que a trajetória educacional das pessoas surdas, foi, e é marcada por entraves que resultaram na não apropriação dos conhecimentos formais, produzindo cidadãos inaptos ao exercício da cidadania.

As lacunas abertas no ensino dos surdos no decorrer da história, deixaram marcas profundas que refletem de formas negativas nas salas de aula onde o ensino da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), e a Língua Portuguesa são ministrados. Segundo CAPOVILLA e RAFAEL (2008), "os surdos sempre foram discriminados e considerados incapazes. Era muito forte a concepção de que a linguagem falada era a única forma de linguagem possível".

Os reflexos de uma sociedade preconceituosa diante do que consideram diferente, teve impacto marcante na vida dos não ouvintes, tanto de forma pessoal quanto educacional. Estes impactos também tiveram os seus reflexos no Brasil caracterizando o início da educação dos surdos, somente durante o Segundo Império, como mencionado a seguir.

Em 26 de setembro de 1857, por decisão de D. Pedro II, foi aprovada a lei de nº 939/1857, que dispôs verba para a criação do Imperial Instituto dos Surdos – Mudos no Rio de Janeiro Brasil. O instituto iniciou com dez meninos surdos, instruídos pelo professor surdo H Ernest Huet na Língua de Sinais Francesa- LSF. Em 1911, em razão da Influência da Europa, o INES adotou a modalidade educacional oralista, proibindo o uso da Língua Brasileira de Sinais, (MARCON *et al*, 2011 p. 21)

No processo de busca pela melhor forma de educação dos surdos, muitos métodos foram testados e/ou experimentados, cada um com a sua singularidade. No entanto, a maioria das intervenções direcionadas a transmissão dos saberes formais, deixaram de levar em consideração os elementos que fazem partes da identidade dos estudantes.

Dentre os métodos até hoje estudado nas diversas tentativas de ensinar os surdos, alguns autores defendem o oralismo como sendo o único meio propício a ocorrer a aprendizagem. A partir de treino ou desenvolvimento da fala, a pessoa surda seria então considerada normal, e estaria de fato apta a conviver com os ouvintes. Ou seja, falar era condição essencial para fazer parte da sociedade e compartilhar da sua cultura.

O Oralismo percebe a surdez como uma deficiência que deve ser minimizada pela estimulação auditiva. Essa estimulação possibilitaria a aprendizagem da língua portuguesa e levaria a criança surda a integrar-se na comunidade ouvinte e desenvolver uma personalidade como a de um ouvinte. Ou seja, o objetivo do Oralismo é fazer uma reabilitação da criança surda em direção à normalidade. (GOLDFELD, 2002, p. 34).

A partir da citação de GOLDFELD, (2002), é possível perceber que a surdez era tratada e vista pela comunidade onde o indivíduo estava inserido como sendo uma doença que necessitaria ser tratada para só assim o “paciente” ter uma vida plena possível de conviver socialmente.

Não havendo êxito nas tentativas de levar o surdo a desenvolver a oralidade, percebe-se a urgência de levar em consideração os gestos. Por serem inatos a pessoa surda, surgiu assim a Comunicação Total, traduzida por muitos como sendo a junção das diversas formas de comunicação.

“Exposição simultânea a diversas modalidades linguísticas e não linguísticas: oralidade, sinais, alfabeto digital, pistas táteis-sinestésicas, expressões corporais e faciais, sempre com o objetivo de propiciar uma comunicação efetiva para o indivíduo surdo de acordo com suas necessidades”, (NONATO, 2006. ).

A busca por um padrão educativo que contemplasse o desenvolvimento da fala, desrespeitava e desconsiderava a cultura dos indivíduos surdos que por sua vez eram marginalizados e forçados a viverem com o estigma da diferença.

Os surdos oprimidos no passado pela sociedade, construída majoritariamente por ouvintes, carregam as marcas da história e das concepções que os rotularam como incapazes, dependentes, desprovidos de potencialidades. (MARCON *et al*, 2011, p. 21).

A citação acima mostra claramente o nível de entendimento que a sociedade possuía em relação a surdez. Essa forma de perceber as diferenças, vem mudando positivamente por conta das constantes lutas das comunidades surdas diante das desigualdades. No entanto, ainda é

bastante comum, percebermos famílias de surdos e ouvintes desinformados, entenderem e divulgarem que a língua de sinais é capaz de atrapalhar o desenvolvimento cognitivo de tais indivíduos.

A medida que cresciam as buscas por novos e melhores caminhos para a educação surda, as lutas do povo surdo impulsionavam novos métodos e descobertas relacionadas as melhores maneira de compartilhar com os surdos os saberes formais. Após a Comunicação Total, surge o bilinguismo, entendido como o uso das duas línguas nas salas de aula. Língua Brasileira de Sinais, (LIBRAS), considerada como L1 e a Língua Portuguesa (L2).

Segundo alguns autores, o bilinguismo, é proposta sugestiva da própria comunidade surda, que acredita na necessidade que os surdos possuem de dominarem a língua do seu país de origem (L2), pois só assim estariam de fato aptos a exercerem seus direitos e deveres com igualdade.

De acordo com SANTANA, (2007), “o bilinguismo na surdez surgiu na década de 1980. A fundamentação dessa abordagem é o acesso da criança, o mais precocemente possível, à língua de sinais e à linguagem oral”.

Percebe-se que às crianças surdas necessitam o quanto antes, do contato com as L1 e L2, para que este contato reflita de forma positiva no seu desempenho enquanto estudantes e usuários de duas línguas. O convívio da criança surda com adultos surdos, letrados e fluentes na (LIBRAS), representaria o ponto de partida para uma aquisição bem-sucedida das duas línguas.

A partir da metodologia Bilingue o surdo deixa de tentar seguir o modelo do ouvinte e passa a desenvolver a sua identidade e sua cultura no contato com seus pares e com os professores bilíngues, (SANTANA 2007)

Por ser uma modalidade de ensino considerada atual, o bilinguismo, ainda é usado em algumas instituições educacionais do Brasil, porém, o que se percebe é que esta metodologia de ensino, não tem sido suficiente para

sanar os problemas de analfabetismo e ausência de letramento nos estudantes.

Após o surgimento e a prática do bilinguismo em alguns estabelecimentos de ensino com crianças surdas, as comunidades de surdos percebem a urgência de uma educação voltada para uma formação mais abrangente que tenha como meta principal, a construção e o fortalecimento da identidade de quem aprende. Machado, (2008), caracteriza a Pedagogia Surdo como sendo a pluralidade dos indivíduos sendo respeitada dentro dos diversos ambientes.

Visualizar uma escola plural, em que todos que a integram tenham a “possibilidade de libertação”, é pensar uma nova estrutura. Para tanto, é necessário um currículo que rompa com as barreiras sociais, políticas e econômicas e passe a tratar os sujeitos como cidadãos produtores e produtos de uma cultura [...] Pouco adianta a presença de surdos se a escola ignora sua condição histórica, cultural e social.(MACHADO,2008 p. 78)

A partir da Pedagogia Surda, mudanças positivas podem ocorrer nos estudantes que entrarem em contato com essa abordagem. A disponibilidade para aprender, deve-se ao fato das salas de aulas com crianças que possuem restrição auditiva, sejam preenchidas por professores surdos onde, sua identidade e cultura sejam o sustentáculo dos resultados positivos.

### **Apropriação do Sistema de Escrita Alfabética e o Letramento**

Muitos defendem alfabetização e letramento com sendo o ato de ler e escrever de maneira fluente utilizando os saberes da escrita na vida cotidiana, ou seja, alfabetizados e letrados são aqueles que usam com fluência os artifícios da escrita na vida social. Na sala de aula os conceitos acima não se dissociam, à medida que se ensina o conhecimento das letras, o letramento também se materializa. Nas práticas educativas é perceptível que as ações de codificar e decodificar, se fortalecem quando se associam às vivências e atividades diárias dos estudantes.

Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado, (SOARES, 1998 p.47).

Diante do exposto por SOARES, (1998) às práticas de alfabetização atreladas ao letramento, se conduzidos de forma significativa os impactos positivos farão a diferença no desenvolvimento cognitivo dos estudantes que se encontram em fase de aquisição da leitura da escrita.

Alfabetizar surdos no Brasil é uma ação que apoiado nas nossas vivências enquanto familiares de pessoas surdas e participantes das comunidades está longe de ser considerada um procedimento promissor e com resultados satisfatórios. Participar do dia-a-dia de uma pessoa surda é presenciar a angústia de indivíduos que se sentem estrangeiro dentro do seu próprio país. Essa constante sensação de estar inserido numa comunidade que não lhes pertencem, está atrelada ao fato de conviver numa sociedade que não compreende e nem é compreendido.

A educação brasileira tem por finalidade o “pleno desenvolvimento do educando”, (LDB, 9394/96), no entanto, deixa de assegurar de forma concreta, a alfabetização e o letramento dos alunos surdos inseridos nas salas de aula do ensino regular. Com o intuito de sanar essa deficiência, as salas de aula onde os alunos estão incluídos vêm buscando através do bilinguismo, alfabetizá-los e letrá-los a partir da junção da língua de sinais(L1) e da língua portuguesa (L2).

Muitos autores defendem que a apropriação do letramento por parte do estudantes surdo, acontecem de forma lenta. Para que esta habilidade seja de fato concretizada, faz-se necessário levar em consideração que: a alfabetização não deve ser apenas no sentido de decodificação e codificação da língua escrita. Segundo RIBEIRO,(2009), “deve alfabetizar letrando o surdo ao mesmo tempo, levando em conta os diversos contextos

nos quais as práticas sociais da língua escrita acontecem nas pessoas com necessidades auditivas especiais”.

Para alfabetizar e letrar crianças com necessidades auditivas algumas propostas de trabalho são sugeridas por diversos autores sendo unanimidade a necessidade de inserir a criança o quanto antes no convívio com adultos surdos. As escolas inclusivas, necessitam adaptarem-se em função deste público que necessitam se apropriar dos seus direitos enquanto cidadãos.

Segundo artigo de SALLA, (2014), publicado na revista Nova Escola, (ano:29. N 27, abril de 2014.) “Ninguém fala a mesma língua sobre a alfabetização de surdos”, o consenso a respeito da educação para esse público só será possível quando discurso e prática estiverem ajustados”. Tomando como base a afirmação acima, é possível inferir que: para que os alunos com deficiência auditiva cheguem a apropriação da leitura e da escrita, torna-se necessário, o entrelace das ações pedagógicas em direção a uma única linha de raciocínio. Ou seja, as metodologias e recursos que apresentam resultados positivos, necessitam serem fortalecidos, a partir principalmente do respeito a identidade de quem aprende.

Percebe-se que, conhecer o processo de aquisição da leitura e da escrita em língua portuguesa por parte dos alunos com deficiência auditiva, é de suma importância para que estes avancem em suas aprendizagens. Ao entender como eles aprendem e se apropriam do sistema de escrita alfabética, pode tornar mais eficaz as intervenções realizadas pelos professores.

É perceptível que, nas salas de aula de alfabetização, os estudantes ouvintes apresentam uma maior facilidade em compreender o sistema de escrita alfabética, em decorrência das principais intervenções levarem em consideração apenas a língua oral auditiva, fato este que não surte efeitos positivos para quem utiliza a visão e as mãos como forma básica de comunicação.

Nas crianças surdas nota-se que a aprendizagem da língua escrita (L2), se dá de forma diferenciada, característica esta que está associada ao

campo espaço visual, estrutura básica da língua natural dos estudantes com surdez (L1).

Conforme o Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005, no Brasil, as pessoas surdas possuem o direito de ter acesso à educação em língua de sinais, e serem alfabetizadas em língua portuguesa na modalidade escrita, já que, segundo Quadros (2006, p. 28), “Através da língua, as crianças discutem e pensam sobre o mundo. Elas estabelecem relações e organizam o pensamento. Sendo assim, a língua escrita representa a fonte básica para que os alunos usuários da Libras, sejam de fato alfabetizados e letrados”.

A teoria da psicogênese nos ensina que a apropriação do SEA não ocorre da noite para o dia, mas, sim, pressupõe um percurso evolutivo, de reconstrução, no qual a atividade do aprendiz é o que gera, gradualmente, novos conhecimentos rumo a “hipótese alfabética”. (MORAIS, 2012, p. 52)

Conforme sinalizado por MORAES (2012), os caminhos percorridos pelos estudantes na apropriação do sistema de escrita alfabética, necessitam de tempo e experiências significativas vivenciadas pelas crianças com restrição auditiva. Faz-se necessário que as atividades ofertadas, sejam pautadas nos conhecimentos prévios que os alunos possuem e principalmente, levando em consideração a Língua Brasileira de Sinais como fonte natural de comunicação do aluno com surdez.

A apropriação do sistema de escrita alfabética (SEA), por parte da criança surda, acontece de forma diferente em relação ao estudante ouvinte. Os trabalhos realizados nas salas de aula do ensino regular, que contemplam a alfabetização, são pautados principalmente na sonorização, letra/fonema. Ao contemplar o campo auditivo da aprendizagem, os estudantes ouvintes, conseguem estarem alfabetizados e letrados num menor espaço de tempo quando comparado à criança surda.

O bilinguismo tem provocado mudanças nas formas de apropriação das L1 e L2, por partes dos estudantes surdos, porém ainda são poucos os avanços quando as relações são entre surdos e ouvintes nos mesmos anos

de escolarização. Para superar estas lacunas cognitivas, muitos sugerem um trabalho sustentado em materiais concretos e na exploração de imagens com o intuito de promover o entendimento do sistema de escrita lfabética, (SEA).

Tendo como base as descobertas acima é possível entender que a partir das experiências visuais atreladas ao uso da Libras, os estudantes surdos tomam posse do SEA. Para que esta conquista tenha valor significativo faz-se necessário a utilização de forma plena da língua de sinais por parte dos profissionais envolvidos no processo de alfabetização, assim como, explorar as diversas fontes de recursos disponíveis.

### **Recursos utilizados na alfabetização dos surdos**

Os recursos pedagógicos são considerados elementos essenciais aos bons resultados diante dos procedimentos pedagógicos nas salas onde há alfabetização de alunos: sejam eles, surdos ou ouvintes.

Considerando todos os entraves na alfabetização e no letramento de quem tem surdez, ter um olhar dinâmico e criativo para os recursos didáticos, pode fazer a diferença quanto ao sucesso ou fracasso de quem aprende.

Para QUADROS e SHIMIEDT,(2006) "são inúmeros os recursos e que podem ser utilizados na educação dos surdos. O aspecto que faz a diferença é, sem dúvida, a criatividade do professor"

Pensando no que sugere as autoras, os profissionais que lidam com as crianças surdas em processo de alfabetização, necessitam acessar os próprios mecanismos responsáveis pela criatividade com o intuito de encontrar elementos que facilitem o processo de apropriação da língua portuguesa.

Para que haja efetivação no trabalho com alunos surdos em fase de apropriação da leitura e da escrita, os profissionais envolvidos nesta dinâmica, necessitam conhecer, respeitar e fazer pleno uso da Língua Brasileira de Sinais em suas práticas. Sem essa habilidade, tornam-se inviáveis as conquistas de resultados positivos por parte dos estudantes.

Como já foi mencionado anteriormente os avanços em relação ao ensino dos alunos surdos, crescem de forma lenta. Essa lentidão reflete na quantidade e qualidade dos recursos utilizáveis no ensino do estudante com restrição auditiva. Os professores que se preocupam em fazer a diferença, necessitam produzir os próprios materiais, observando de forma primordial as individualidades de cada aprendiz e/ou o perfil dos grupos que aprendem.

Para alfabetização de surdos, QUADROS e SHIMIÉDT, (2006), sugerem que sejam utilizados na aquisição da (L2), os trabalhos realizados a partir da escrita e convivência com diferentes tipologias textuais.

Considerando o ensino da língua portuguesa escrita para crianças surdas, há dois recursos muito importantes a serem usados em sala de aula: o relato de estórias e a produção de literatura infantil em sinais. O relato de estórias inclui a produção espontânea das crianças e a do professor, bem como, a produção de estórias existentes; portanto, de literatura infantil. (QUADROS SHIMIÉDT, 2006, p.26)

Além do recurso sugerido por QUADROS e SHIMIÉDT, muitos autores sinalizam que há uma inexistência de elementos direcionados ao ensino das L1, e L2. Os profissionais tem buscado criar de forma livre e obedecendo as próprias necessidades, todos os materiais de dinamização do fazer pedagógico.

Esses recursos que trazem as marcas de cada educador, são baseados e confeccionados tendo como referência as necessidades dos próprios estudantes. Onde, um dos elementos essenciais é a criatividade e a capacidade de flexibilidade dos profissionais que estão envolvidos com a alfabetização e o letramento dos alunos surdos.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Os procedimentos para a realização do presente artigo, partiu da necessidade de entender o porquê dos alunos surdos chegarem a vida adulta sem o domínio da língua portuguesa na sua forma escrita. Para responder a este e aos demais questionamentos aqui explicitados, houve um

estudo aprofundado das obras de Ronice Müller de Quadros e Magali L. P. Schmiedt, onde as mesmas descrevem de forma prática e teórica as ideias para ensinar português para alunos surdos.

Além das autoras citadas acima, MORAIS, (2012), forneceu os elementos essenciais ao entendimento do sistema de escrita alfabética e a apropriação do mesmo por parte dos estudantes. O trabalho está estruturado em uma revisão bibliográfica onde buscou-se analisar livros, artigos e teses que abordam assuntos relacionados ao modo como os surdos se apropriam da leitura, da escrita e do letramento. De posse das obras, houve a necessidade de uma leitura minuciosa na busca dos pontos importantes que pudessem responder aos questionamentos, e fornecer informações relevantes sobre a forma como os alunos surdos aprendem a língua portuguesa na sua forma escrita.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pesquisar como os surdos aprendem a língua portuguesa escrita apresentou grande relevância para quem busca aprimorar a prática pedagógica nas salas de inclusão, ou ajudar pessoas próximas no entendimento da língua escrita do seu país. Ao analisar as produções acadêmicas já publicadas relacionadas ao assunto pesquisado foi possível perceber que muitos autores tem buscado fornecer elementos teóricos de qualidade que auxiliem os educadores no processo de alfabetização dos estudantes surdos.

De posse dos dados é possível inferir que: para se apropriarem da língua escrita e serem letrados os estudantes surdos necessitam o quanto antes estarem inseridos em salas de aulas bilíngues onde a Língua de Sinais Brasileira seja o elo básico de comunicação e mediação das atividades dentro do ambiente escolar.

Para que os alunos tornem-se letrados é necessário que professores povoem suas práticas pedagógicas com textos e elementos que tenham significados para a vida social de quem aprende. É preciso ensinar

percebendo a maneira que cada indivíduo aprende e se relaciona com o conhecimento. Salas de aulas abertas aos profissionais surdos democratizam o espaço de educar.

Segundo QUADROS, (2006), "é necessário investir na leitura da própria língua de sinais". Com a afirmação acima, fica fácil perceber que o contato dos estudantes surdos com seus pares, e com a sua língua principalmente nos primeiros anos de escolarização, representa o elemento necessário ao preenchimento das lacunas abertas em decorrência de uma educação de cunho oral.

A escola necessita "empoderar" o povo surdo, promover a inclusão e enriquecer a prática dos professores ampliando as possibilidades de letramento por parte de quem aprende. O uso de metodologias que insiram as crianças em contato direto com a sua língua natural, (Libras), e com a língua do seu país de origem, devem ser feitas através de abordagens mais significativas e serem aplicadas por profissionais fluentes na língua dos surdos e disponíveis para aprenderem e se adequarem as mais variadas situações que permeiam os ambientes escolares.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Muito ainda há por fazer quando o assunto é Alfabetização e Letramento dos estudantes surdos. Ao analisar algumas obras sobre educação destas crianças, é possível perceber que existe uma grande preocupação em relação a educação das pessoas com necessidades especiais, no entanto, não se percebe metodologias que levem de fato as crianças tornarem-se fluentes nas línguas oficiais do seu país.

Com todos os avanços educacionais direcionados aos estudantes surdos, aqueles que convivem com tais indivíduos percebem a grande carência dos mesmos no que diz respeito a escrita e a leitura da Língua Portuguesa. Mesmo sendo fluentes e letrados na Língua Brasileira de Sinais alguns surdos, possuem muita dificuldade com a língua escrita do seu país.

Por não terem sido alfabetizados no início da educação Básica em L1 e L2, os estudantes pessoas/surdas, apresentam pouco avanço na educação formal, e quando conseguem acessá-la em níveis mais elevados necessitam de constantes acompanhamentos para acessar os conhecimentos que são transmitidos contemplando apenas a língua dos ouvintes.

Do Oralismo a Pedagogia Surda, muitas batalhas foram travadas em prol de uma educação de qualidade que oferecessem aos estudantes, os subsídios necessários a aquisição da cidadania plena. Dentre as metodologias experimentadas, o bilinguismo tem permeado a maioria das escolas brasileiras, e tem apresentados bons resultados para aqueles que estão desde a mais tenra idade inseridos no convívio com pessoas surdas e partilhando da sua cultura. O contrário desta prática, proporciona danos irreversíveis ao cognitivo de quem aprende.

A partir dos estudos bibliográficos, é possível perceber que os estudantes alvo deste estudo entendem e se apropriam da leitura e da escrita de forma diferenciada em comparação aos ouvintes. Por compartilharem uma Língua espacial-visual surge a necessidade de um trabalho realizado a partir da manipulação e visualização de materiais concretos. Para que estes estudantes se tornem alfabetizados nas L1 e L2 a maioria dos autores pesquisados sugerem que a escrita e leitura de textos, sejam práticas da rotina pedagógica.

É possível entender que não há recursos elaborados exclusivamente para a alfabetização e o letramento das crianças surda. Para que seja obtido êxito, é necessário que cada profissional inserido nas salas de aula das escolas que alfabetizam crianças com surdez, criem seus próprios materiais tomando como ponto de partida as demandas das turmas e os objetivos que desejam alcançar a partir do uso de algum material.

A partir das abordagens analisadas é possível concluir que o êxito na alfabetização e no letramento de crianças com deficiência auditiva, devem levar em consideração, a identidade e a cultura do povo surdo, a partir de metodologias que insiram as crianças em contato direto com a sua língua

natura, (Libras), e com a língua do seu país de origem. Sendo assim, as abordagens mais significativas, referem-se aquelas aplicadas por profissionais fluentes na língua dos surdos e disponíveis para aprenderem e se adequarem as mais variadas situações que permeiam os ambientes das salas de aula.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em:  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em: 28 mar 2019.

CAPOVILLA, Fernando César & RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira**. 2. ed. São Paulo: Edusp e Imprensa Oficial do Estado. Vol. I e II, 2001.

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda – linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 2ª ed. São Paulo: Plexus, 1997

**MACHADO**, Paulo César. **A política Educacional de Integração/Inclusão – Um Olhar do Egresso Surdo**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008

MARCON, Andréia. M. et al. **Estudos da língua brasileira de sinais**. Passo Fundo, RS: UPF, 2011.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**, São Paulo SP. Melhoramentos, 2012.

NONATO, Janaína Lima. **Leitura, escrita e surdez: A representação do surdo sobre o seu processo de escolarização**. 2006. 98 f. Tese (Mestrado em fonoaudiologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

QUADROS, Ronice Muller de; SCHIEDT, Magali L. P., **Ideias para ensinar português para alunos surdos** – Brasília: MEC, SEESP, 2006.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed. 1997.

RIBEIRO, Regina Sales. **Letramento e alfabetização na educação dos surdos**. 5 f.(artigo). Comunidade ADM. Acesso em: 12/11/2016. Disponível em:<https://www.webartigos.com/artigos/processo-de-alfabetizacao-dos-alunos-surdos/107706>

SALLA, Fernando.art. **Ninguém fala a mesma língua sobre a alfabetização de surdos**. Nova Escola. ano 29, nº 271, abril 2014.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e linguagem:** Aspectos e implicações neurolinguísticas. - São Paulo: Plexus, 2007.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica. 2003.

UNESCO, Declaração de Salamanca, em 1994. CAPE, **Linha de Ação sobre necessidades educativas especiais.**

Cap.edunet.sp.gov.br/textos/declarações. Acesso em: 28/12/2016.  
Disponível em: [cape.edunet.sp.gov.br › textos › eventos › 2.doc](http://cape.edunet.sp.gov.br/textos/eventos/2.doc).